

SEMINÁRIO DEBATE "ATATURK E O PERCURSO EUROPEU DA TURQUIA"

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

8 DE MAIO DE 2006

1 - Quero começar por agradecer à Senhora Embaixadora da Turquia, Zergün Korutürk, ao Prof. Nuno Severiano Teixeira e à Fundação Luso Americana, na pessoa do seu Presidente Prof. Doutor Rui Machete, o gentil convite que me fizeram para falar da Turquia e da sua futura adesão à União Europeia.

2 - Sou um admirador da Turquia, que conheço razoavelmente: Istambul, claro, com algumas semelhanças que lembram Lisboa; Ankara; Capadócia, e os subterrâneos cristãos escavados na terra; o bellissimo litoral mediterrânico, com tantas recordações históricas; Ismirna, etc... Mas, atenção, não sou - longe disso - um conhecedor da história, da cultura, da economia, mesmo da política e menos ainda, da importância geo-estratégica que tem hoje a Turquia, neste nosso mundo globalizado e tão inseguro.

3. Tenho um conhecimento pouco aprofundado da figura carismática de Mustafa Kémal, depois Ataturk, "o pai dos turcos", que é a referência desde Colóquio e me desperta sentimentos ambíguos, devo confessar: com certeza de admiração, como figura cimeira da República Turca, cuja marcha tentou ocidentalizar, estudioso que foi do Iluminismo, do Enciclopedismo, da Revolução Francesa, do Laicismo - separação das Igrejas do Estado - e da Escola pública, como o primeiro degrau do civismo patriótico e republicano (estilo Jules Ferry); mas também sentimentos de reserva, por ser um herói militar sem contemplações, que pedia aos seus soldados não só que combatessem mas também que "morressem pela sua Pátria" e ainda pelo estadista que instaurou uma democracia cesarista, demasiado musculada para meu gosto.

4. É certo que Kémal Ataturk viveu noutra época, muito diferente da nossa. Os nossos critérios de hoje não se aplicam ao seu tempo. Assistiu, com o fim da 1ª. Grande Guerra, ao desabar de quatro impérios (que, dir-se-iam, eternos): o germânico; o austro-húngaro; o russo, dando origem à Revolução Soviética de 1917; e o otomano, pelo qual se bateu bravamente.

Nascido em Thessalónica, em 1881 (hoje cidade grega, que então fazia porto do império otomano), ergueu, a partir de 1923, dos destroços imperiais, a República Turca e construiu uma nova República, respeitada e com prestígio, ao mesmo tempo que o fascismo e o nazismo, estavam em franca ascensão - apoiavam por toda a Europa as ditaduras de Direita - negociou com os soviéticos, então extremamente isolados, entrou na SDN, em 1932, negociou um Pacto Balcânico em 1934, reaproximou-se do Irão e do Afeganistão em 1937 e morreu, de morte natural, em 1938, tendo uma visão extremamente lúcida e programática do que poderia ser a Turquia moderna, na situação geo-estratégica de imensa complexidade e importância que já então ocupava.

5. Morreu em 1938, quando a Europa caminhava para uma 2ª. Grande Guerra, bem mais horrorosa do que a Primeira e a Espanha, aqui ao lado, dividida

e em guerra civil, se mostrava impotente para evitar a agonia da II República (1931-39).

6. Visitei, em Ankara, o mausoléu de Atatürk, que é um monumento impressionante. Pude verificar o culto que ainda hoje, quase setenta anos depois da sua morte, o Povo turco lhe dedica. Com razão. A Turquia deve-lhe muito: a ocidentalização do Estado, de raiz muçulmana, mas não árabe, em que o laicismo domina, apesar de maioritariamente o Povo ser de várias confissões islâmicas; a igualdade jurídica e política, entre homens e mulheres, o que é algo de insólito num país muçulmano; a adopção do alfabeto latino; o enorme esforço realizado para respeitar os Direitos Humanos...

7. A Turquia não é um país rico. A dívida externa representa cerca de 65% do PIB e o seu serviço absorve dois terços dos rendimentos da exportação. O PIB, por habitante, situa-se ainda a menos de um terço da média da União Europeia. Mas a sua economia dá significativos sinais de crescimento, a um ritmo sustentado, com as exportações a subirem, bem como o investimento. E, por outro lado, o desemprego e a inflação parecem, mais ou menos contidos.

As eleições de 2002 deram uma sólida maioria ao partido nacionalista de influência muçulmana, AKP, criando as condições para uma certa estabilidade política que tem sido benéfica para a Turquia, depois de vinte anos de Governos de coligação. O seu líder, Recep Tayip Erdogan, actual Primeiro Ministro, tem-se mostrado muito pragmático e firmemente resolvido a fazer entrar o seu país na União Europeia, patrocinando, para tanto, importantes reformas, nomeadamente em matéria de Direitos Humanos.

8. Há resistências, como se sabe, no seio da União Europeia à entrada da Turquia. Porque a Turquia é um país com uma enorme população (cerca de setenta milhões) que, dada a sua taxa de natalidade, em alguns anos, ultrapassará a Alemanha e será o mais populoso País da União Europeia. Por as suas fronteiras irem muito para além do Continente Europeu, o que cria um precedente de difícil tratamento. Onde acabam as fronteiras da União? E, sobretudo, por ser um Estado, embora laico, de maioria muçulmana: sunitas, a maior parte, xiitas e alévis. E ainda cerca de 30% de Kurdos. Com minorias religiosas reconhecidas: gregos ortodoxos, judeus, católicos, arménios e da Igreja Siriaca, entre outros.

9. A Turquia é o único país da NATO, cuja população é maioritariamente muçulmana. Mas isso nunca levantou problemas aos outros membros. Pelo contrário. Porque será que os levanta agora em relação à União Europeia? Na fronteira entre vários mundos o Ocidente e o Oriente, como país europeu e também do Médio Oriente, na fronteira das Repúblicas Islâmicas da Ex-União Soviética, a Região do Cáucaso e o Iraque, a Síria e o Irão, a Turquia tem uma posição geo-estratégica de primeira importância. É, aliás, no planalto da Anatólia que nascem os principais rios que banham o Iraque. Uma imensa riqueza.

10. Por isso, os americanos sempre ajudaram economicamente a Turquia, que consideram uma placa giratória chave relativamente ao Médio Oriente e mesmo à Ásia. Apesar da posição firme que tomou a Turquia relativamente à guerra do Iraque, a administração Bush nunca deixou de insistir com a União Europeia em favor da adesão da Turquia.

11. Estou à vontade - em que condenei publicamente a invasão do Iraque, como um erro crasso americano - para referir que, não obstante o apoio americano à adesão da Turquia, sempre fui a favor dessa adesão. Por razões que têm a ver com a minha visão do que deve ser a União Europeia - um projecto

político essencialmente de paz e de bem estar para todos os europeus, de liberdade, de justiça social e, também, de solidariedade, para com todos os outros Estados e regiões de Mundo, baseado nos grandes valores da diversificada cultura europeia. A presença da Turquia na União representa um inegável enriquecimento, cultural, político, económico, geo-estratégico e até inter-religioso, no sentido do diálogo ecuménico e da Aliança de Civilizações, de que hoje tanto se fala e com razão.

12. A Europa atravessa, no entanto, um impasse que a tem mantido quase paralisada desde o veto francês e holandês ao Projecto de Tratado constitucional. Mas a Constituição Europeia não está morta, ao contrário do que muitos pensam. As próximas ratificações da Estónia e, sobretudo, da Finlândia - que assume a presidência europeia em 1 de Julho próximo - elevam para 16 o número dos países que já ratificaram o Tratado. O que representa um bom sinal.

É certo que há na União uma crise de lideranças grave. E que dos quatro grandes países - a Alemanha, a França, o Reino Unido e a Itália - todos se encontram, no plano interno, politicamente em situações muito pouco confortáveis. Mas os tempos estão a mudar. A maioria dos europeus querem fazer avançar a União e devem afirmar a sua vontade, nesse sentido.

13. A Turquia não pode, por isso, creio eu, deixar de continuar a reclamar a sua adesão à União Europeia. Para que o esforço desempenhado até aqui - nomeadamente em matéria de legislação - não tenha sido em vão.

14. A União Europeia faz falta ao Mundo e continua a ser um exemplo de bom entendimento e uma associação voluntária entre Estados que, durante séculos, foram rivais e até inimigos.

A União Europeia é um exemplo de que a paz é possível e sempre superior, em todos os aspectos, à guerra. A União Europeia não deve ser um "clube" de Estados cristãos. O laicismo foi adoptado por todos os Estados europeus. Aliás, nos vários países da União há milhões de islâmicos, essenciais ao desenvolvimento europeu, pela sua força de trabalho e criatividade. Para esses, também, a entrada no clube, da Turquia, país muçulmano, é um factor de estabilidade e de segurança.

15. Termino. As negociações para a entrada da Turquia na União, não vão ser fáceis nem rápidas. Isso dever-se-á sobretudo ao impasse e ao desnorte do período que a União está a atravessar.

Mas o que está inscrito na ordem das coisas, tem muita força. A Turquia vai ser um Estado da União, mais cedo ou mais tarde. É inevitável. E é isso que é importante.

Lisboa, 8 de Maio de 2006